

# Índios perdem Meirelles, um velho amigo

**Da Sucursal de BRASÍLIA**

Com a morte de Francisco Meirelles, a Funai perde um dos últimos defensores intransigentes do índio brasileiro. O "velho", como era chamado por todos que o cercavam, aos 64 anos de idade, dezenas de máltias, contraias ao longo de uma vida dedicada ao índio, já estava cansado. Nos últimos tempos, uma energia sobre-humana, continuava a animá-lo na busca de uma saída digna para o que ainda resta do nosso índio, hoje mais que nunca ameaçado pelo impacto das frentes de colonização da Amazônia.

Há poucos dias, Meirelles chegou a Brasília vindo de Belém, com ordem médica proibindo-o de acompanhar expedições ou continuar a vida difícil na mata. "Vou ter de me resignar a trabalhar pelo índio de longe e esperar a minha hora — dizia, conformado. Quando ela chegar, quero ser enterrado na mata, longe da cidade grande".

Por isso, passou a maior parte dos últimos meses em Brasília, assessorando a Coordenação da Funai da Amazônia, mais como um conselheiro, conhecedor dos problemas mais profundos da política indigenista brasileira. "Temos que preparar o índio para que ele sobreviva à chegada de uma civilização deformada, cheia de vícios e erros. Intimamente, gostaria que eles pudessem ser mantidos em suas aldeias e que, ao invés de inculcá-los nossos padrões culturais, aprendessem com os índios, que sempre vivem em

harmonia, não só no grupo tribal, mas com a própria natureza. Admito que isso é utópico, um sonho irrealizável — reconhecia o velho sertanista".

Nesse ponto estava a grande divergência entre Francisco Meirelles e os irmãos Villas Boas. "Os índios do Parque do Xingu — dizia recentemente — não foram preparados para viver na nossa sociedade, continuam com seus hábitos primitivos, mas por quanto tempo? A sorte deles é que os brancos ainda não descobriram riquezas no Parque, como ocorreu com os índios do Parque do Aripuanã, em Rondônia, que estão sofrendo hoje em dia com a chegada das frentes pioneiras interessadas na exploração de cassiterita".

Para Meirelles, o índio precisa ser preparado, a curto prazo, para competir com o branco. Quando os efeitos do mundo moderno chegassem até as aldeias, eles já conheceriam as técnicas de comércio, estariam alfabetizados, imunizados contra as principais doenças e, principalmente, preparados para sobreviver ao inevitável trauma deste impacto. Os caminhos para realização dessa tarefa, para ele, estavam na criação de reservas indígenas, onde só teriam acesso técnico os indigenistas, pelo menos numa primeira etapa do preparo do índio. Aí se daria a metamorfose do selvagem para o cidadão brasileiro, tornando-se cidadão brasileiro. "Concordo com a política indigenista em sua teoria — dizia — mas na prática acho que existe muita burocracia e centralização, dificultando o trabalho dos homens no campo da Funai, aqueles que lidam no dia a dia com os índios".

Assim como seu filho Apoena Meirelles, o sertanista acreditava que a Funai deveria ouvir mais esses homens, através da criação de um Conselho de Sertanistas, formado por pessoas com experiência, como Villas Boas e outros.

**DEDICAÇÃO AO ÍNDIO**

Francisco Meirelles manteve contato com índios dos mais variados grupos tribais, durante 35 anos. Foi ele que atraiu, em 1946, os Xaxantes, os Pakaa-Novos, os Karipunas, os Mekrangnotires, Kuben-Kran-Freins, os Ko-Krai-Moros, os Kararás e os Xierins. Seu último trabalho mais importante foi a pacificação, em 1968, dos Cintas-Largas. Ele nasceu em 1908 e iniciou sua vida de sertanista em 1922, sendo hoje o homem que estabeleceu dos maiores números de contatos pioneiros com povos primitivos, como reconhece a própria Funai.

Meirelles tinha orgulho de dizer que nenhum civilizado navegara, antes dele, os rios Riberão, Lages, Negro, Ocaia, todos no território de Rondônia. Iriri, Alto Iriri, no Xingu; Li-mão Jauruçu, Penetacauá e Caetetu, no Pará, sete de Setembro e Alto Rio Roosevelt, Alto Aripuanã, Capitão Cardoso e Tenente Barros, no Mato Grosso.

**EXPEDIENTE SUSPENSO**

A Funai determinou a suspensão do expediente em todas as Delegacias Regionais do órgão, em sinal de pesar pela morte de Francisco Meirelles. O capitão Warodi, filho do cacique Apoena, da tribo Xavante pacificada por Meirelles, viaja hoje para o Rio a fim de prestar, em nome de sua comunidade, a última homenagem ao sertanista.



Telefoto Sucursal do Rio

Até o fim a amizade e gratidão dos índios ao velho Chico Meirelles

## O filho custa a crer na notícia da morte

Do correspondente em CUIABÁ

Ao receber a notícia da morte de seu pai, o sertanista Apoena Meirelles recusou-se a acreditar na informação, afirmando que na tarde de domingo, por volta das 14 e 30, falara com ele por telefone, ocasião em que o inspetor Francisco Meirelles confirmara sua presença no casamento do filho, prevista para o dia 12 de julho, em Brasília.

"Ele estava muito bem, conversou bastante comigo e disse-me que estava satisfeito com meu trabalho realizado junto aos kranhacãrores", disse Apoena. O sertanista acrescentou que o pai dele sempre dizia que um homem precisa de uma companheira para adquirir responsabilidade, por isso, estava contente porque seu filho ia casar-se.

**UM HOMEM FORTE**

Apoena recebeu a notícia às 8 horas da manhã de ontem, em Cuiabá, por meio do subdelegado da Quinta Delegacia da Funai, tenente Sérgio Fernandes. Meia hora depois, Apoena Meirelles compareceu ao órgão para transmitir, pelo rádio, algumas instruções aos seus auxiliares do rio Peixoto de Azevedo, já que teria de viajar para o Rio de Janeiro, a fim de tomar providências para o enterro do pai. "São poucos os homens de minha família e preciso estar preparado para dar apoio moral à minha mãe e minhas irmãs", declarou.

**O LEGADO**

O mais expressivo legado de Francisco Meirelles a seu filho Apoena — a responsabilidade de continuar a obra à qual dedicou mais da metade da vida — começou a ser constituído há 34 anos, quando, ouvindo as histórias de índios contadas pelo irmão mais velho, aprendeu a gostar dos silvícolas. Nesses 34 anos, Francisco Meirelles formou uma das mais brilhantes folhas de serviços prestados ao índio.

"Tornou-se credor da estima de todo o País e tinha entre seus admiradores o próprio filho. E Apoena quem o festejava. No ano passado, quando enviou relatório à Funai denunciando a invasão de terras no Aripuanã, falava sobre o seu relacionamento com o pai: "Apesar das nossas divergências, das nossas discussões, mul-

to nos queremos. Nossa amizade é franca e leal. Parecemos dois amigos, quando brigamos. Sei que ele se aborreceu comente ao ver-me com personalidade, não retirando minha palavra quando sinto que estou com razão e atribuindo-lhe, francamente, os erros.

Ele, da mesma forma, repreende-me e, após as discussões, voltamos novamente um para o lado do outro. Ele é Chico Meirelles, eu sou Apoena. E somos dois homens que não possuem um mesmo rebozo. Por isso, discutimos. E as discussões nos unem ainda mais".

No mesmo relatório, Apoena acrescentava: "Quando meu pai era delegado da 8.ª Delegacia Regional da Funai, em Porto Velho, tínhamos serios atritos por não sujeitar-me à tão falada subordinação administrativa. Mas ela compreendia que eu estava numa guerra, dirigindo a maior frente de pacificação da Funai, superior em número a todas as tribos que estão na roda da Transamazônica".

Francisco Meirelles dizia: "Enquanto o governo não solucionar o problema de milhões de brasileiros socialmente marginalizados, muito pouco poderá fazer pelos índios". Apesar dessa convicção, não era um pessimista quanto ao futuro dos índios. Na tarde de domingo, poucas horas antes de morrer, comunicava-se por telefone com o filho, recém-chegado a Cuiabá, e lhe transmitia o mesmo entusiasmo e vitalida-

de que o caracterizaram como um dos maiores sertanistas brasileiros de todos os tempos.

Lembrava a Apoena a responsabilidade que pesa nos ombros do sertanista, após fazer a aproximação com um grupo primitivo, e se confessava desgostado por estar envolvido numa ideologia com os Villas Boas — disputa que a imprensa insistia em mascarar como "coisa de caráter pessoal". Procurava mostrar ao filho que o mais importante em todo esse quadro é que não se esqueça do índio, "a única vítima a lamentar em todo o processo". Como o irmão, Iná Meirelles também partiu para a selva: auxiliou o marido em nova tentativa de atração dos walmiriatroaris.

## Apoena prefere não voltar aos "gigantes"

Do correspondente em CUIABÁ

O sertanista Apoena de Meirelles disse ontem que não deseja mais voltar para a frente de atração dos kranhacãrores, no Rio Peixoto de Azevedo, para evitar discussões estereis com Orlando Villas Boas, em torno dos trabalhos de contatção que estão sendo desenvolvidos na área.

O sertanista, que voltou há quatro dias da região para se casar em Brasília, mostrou-se ressentido com as declarações que Villas Boas prestou a um jornal carioca na semana passada, afirmando que estranhava o atual estado de saúde dos índios gigantes, pois quando ele e Claudio saíram de lá "os indígenas estavam bem". Apoena disse que encontrou alguns kranhacãrores com uma "estranha doença na pele". Mas afirmou que não admitia críticas destrutivas como essa, uma vez que elas estão ligadas "mais a vaidades de natureza pessoal e estão completamente divorciadas da gravidade do atual problema indígena".

O sertanista salientou que "Orlando disse o óbvio, pois o indígena sempre apresenta o melhor estado de saúde, quando mantém o primeiro contato com o homem branco".

**DOENÇAS**

"Orlando não tem o direito de dizer isso a respeito dos kranhacãrores — afirmou — pois, na verdade, não manteve contato com mais do que 30 daqueles índios. Não foi até a aldeia e, portanto, não pode imaginar o que estava ocorrendo por lá. As doenças de pele que constatei — feridas purulentas — não foram transmitidas por civilizados. Os índios são essencialmente primitivos e não têm as mínimas condições de higiene. Observei, por exemplo, que eles defecam e urinam no próprio terreiro da aldeia. Vi ainda crianças com barrigas bastante inchadas, provocadas por verminoses, pois estavam comendo terra. Observei ainda que alguns guerreiros tinham os braços atados bastante inflamados e com embiras (cicpós fi-

nos). Acredito que esses ferimentos tenham sido provocados por queda ou ainda pelo costume, tão comum entre os kaipós, de duelarem com a borduna, testando a resistência e a coragem".

Apoena diz que Orlando Villas Boas se precipitou ao insinuar que ele Apoena, tinha levado a doença aos índios. "Não seríamos nós que, em apenas dois meses, iríamos transmitir doenças aos índios, pois sempre exigiu rigoroso exame médico dos elementos que fossem deslocados para aquela frente. Além do mais, se não tivéssemos ido até a aldeia, muitos daqueles índios já teriam morrido com os braços gangrenados. Naquela ocasião, conseguimos aplicar-lhes antibióticos e fazer-lhes curativos, deixando agora a área livre para que a Funai possa enviar ao local — como pretende — uma de suas equipes médicas para realizar um melhor trabalho de assistência".

**"FRENTE AMPLA"**

Apoena de Meirelles disse também que o momento não é oportuno para que se coloque em discussão, nos termos em que vem ocorrendo, se o indígena deve ser integrado ou não à nossa sociedade. "É muito mais urgente e produtiva a

integração de todos os pensamentos no sentido de que se forme uma frente ampla, engajada por sertanistas e antropólogos e por aqueles que se preocupam com a questão indígena brasileira, com o objetivo de garantir efetivamente a posse da terra ao indígena, a meu ver, condição primeira e imprescindível para sua sobrevivência".

Apoena criticou a violência que estão assumindo as discussões em torno do problema da integração, "onde as correntes parecem empenhadas num embate puramente pessoal". Em sua opinião, "integrar-se deve ser uma opção plena do indígena, "pois como ser humano ele não pode ficar sendo sempre a vítima das decisões, muitas vezes arbitrárias, dos que pretendem dirigir-lhes o destino".

"Quero dizer com isso — asseverou — que na medida em que for sendo possível atender às necessidades criadas pela própria situação de contato, o índio, sem pressões, é que deve se conscientizar quanto aos caminhos que deverá seguir. De qualquer forma, acho mais prudente garantir-lhe, de imediato, as condições de sobrevivência física principalmente. O índio, sem a sua terra, transforma-se num pária insatisfeito".

## Cardeal elogia missão

Do Sucursal de PORTO ALEGRE

"Sabese que na Funai existem funcionários que, por motivos ideológicos ou razões diversas, mostram-se contrários as missões religiosas". O cardeal Vicente Scherer, arcebispo de Porto Alegre, que fez a afirmação ontem, no programa radiofônico "A Voz do Pastor", não o disse claramente mas sugeriu que esta pode ser a explicação para as notícias falsas divulgadas há uma semana, segundo as quais, os padres da missão salesiana do Sangradouro, "dificultam ou impedem o contato dos índios com as au-

toridades, não os deixam viajar de ônibus nem sair do território da missão, não lhes permitem o estudo além do quarto ano primário e negam-lhes o direito de se considerarem cidadãos brasileiros".

Fazendo a defesa dos missionários salesianos, o cardeal Scherer afirma que "o inspetor do Estado de S. Paulo encarregou um emissário especial de examinar a situação in loco. Apresentou ele um relatório inteiramente favorável aos missionários. Verifiquei que os 500 xavantes que constituem a aldeia mostram-se zangados e francamente dispostos a punir os autores de notícias que classificam como mentrosas".

## Enfarte mata o sertanista

Da Sucursal do RIO

O sertanista Francisco Meirelles morreu ontem em um pronto-socorro de Copacabana, aos 64 anos, vitimado por um enfarte do miocárdio e será sepultado às 10 horas de hoje no cemitério de São Francisco Xavier. Segundo seus amigos, Meirelles estava bem disposto nos últimos dias e parecia recuperado da crise cardíaca e do ataque de máltia que sofreu nos últimos meses. Neste fim-de-semana, começou a sentir-se indisposto e transferiu-se de sua casa, em Campo Grande, para a casa de uma irmã em Ipanema. Na madrugada de segunda-feira, começou a passar mal e foi levado às pressas para um pronto-socorro, onde morreu às 7 horas e 55 minutos de ontem.

O corpo do sertanista foi levado à tarde para a capela do cemitério de São Francisco Xavier, onde está sendo velado pela família, amigos e por um grupo de índios. Meirelles era casado, em segunda núpcias, com uma descendente de índios peruanos, sua constante companheira nas mais difíceis expedições. Deixa cinco filhos.

## Cláudio e Orlando lamentam a perda

"Com a morte de Francisco Meirelles, o mais prejudicado foi o índio brasileiro, que perdeu um de seus mais bravos e autênticos defensores. Nosso consolo é que ele legou para seu filho Apoena, todas as suas qualidades de um verdadeiro sertanista". Assim se expressaram os irmãos Cláudio e Orlando Villas Boas ao saber do falecimento de Francisco Meirelles, que eles conheceram em 1946, durante a atração dos índios xavantes.

Ao lamentar a morte do "grande amigo que foi Chico Meirelles", os Villas Boas lembraram que a FUNAI "perde um de seus grandes batalhadores".

"Ninguém ignora — disseram os Villas Boas — o nome desse homem que agora desapareceu. Não desapareceu apenas um amigo, mas, principalmente, um defensor esclarecido e intransigente da causa indígena. Meirelles realizou muito. Fez muito pelo índio e, acima de tudo, amou o

Índio de uma maneira positiva, lutando por ele e defendendo-o em todos os sentidos. Nossa esperança é que seu filho Apoena, jovem e decidido, continue sua luta. Uma luta bastante difícil, por sinal".

**DESDE 1946**

Os irmãos Cláudio e Orlando Villas Boas conheceram o sertanista Francisco Meirelles desde 1946, quando este comandava a frente de atração dos índios xavantes, aldeados, nessa época, nas proximidades da Serra do Roncador. "Foi um trabalho árduo, difícil, que Meirelles realizou com sucesso".

Os Villas Boas reconhecem que durante esse período surgiram várias divergências entre eles quanto à política indigenista. "Nossas táticas de aproximação são diferentes. Mas pessoalmente, eramos bons amigos".